

Disputa geopolítica exige plano para minerais críticos¹

Os minerais críticos tornaram-se um ativo raro e valioso na disputa geopolítica entre as grandes potências, escancarada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, com as ameaças à Groelândia e Ucrânia. O Brasil tem condições para ser um dos grandes players nesse mercado graças a suas reservas naturais.

Em tramitação há quase um ano na Câmara dos Deputados, o projeto de lei que propõe a criação da Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos (PNMCE) não avançou. É o PL 2.780, apresentado em julho de 2024 e encaminhado um mês depois à Comissão de Desenvolvimento Econômico, em cujas gavetas ficou hibernando durante todo o segundo semestre. Somente em janeiro houve alguma novidade, quando seu relator, deputado Alceu Moreira, deixou de ser membro da comissão. Espera-se que tenha melhor sorte nas mãos do novo relator designado, o deputado Arnaldo Jardim (Cidadania-SP).

O Ministério de Minas e Energia prometeu viabilizar uma política para minerais críticos e o ministro Alexandre Silveira reiterou esse compromisso na quarta-feira, durante o “Summit Valor Brasil-China 2025”, em Xangai. Um dos objetivos é ampliar o conhecimento geológico, a pesquisa e a produção mineral. Ainda é escasso o conhecimento a respeito da qualidade dos minerais críticos disponíveis no solo brasileiro. Estudo da consultoria Deloitte em parceria com a AYA Earth Partners aponta que apenas 35% do potencial mineral do território brasileiro foi mapeado. Por isso, foi constituído um fundo para investir em empresas menores que pesquisam os minerais disponíveis, que deverá reunir R\$ 1 bilhão - R\$ 500 milhões serão divididos em partes iguais entre o BNDES e a Vale.

Um outro fundo será criado, de R\$ 5 bilhões, para desenvolver a indústria de transformação, ou seja, o refino desses minerais, para a produção dos bens que tornaram essas matérias-primas tão especiais como as baterias de lítio para os veículos elétricos e celulares, os chips e os ímãs de terras raras para as turbinas da energia eólica, e as placas solares com silício. Além de essenciais para aplicação de novas tecnologias, eles são vitais para a indústria de defesa e aeroespacial, como componentes de laser de mísseis e drones.

O Guia para o Investidor Estrangeiro em Minerais Críticos para a Transição Energética do Brasil, divulgado pelo MME, informa que o país tem a maior reserva de nióbio do mundo; está em segundo lugar em grafite; em terceiro em níquel e terras raras; em quarto em manganês; em quinto em bauxita e vanádio; em sétimo em lítio; nono em cobalto; e 12º em cobre.

No entanto, apesar de ter 10% das reservas mundiais, o Brasil contribui com apenas 0,09% da produção global de minerais críticos, detalha o relatório da Deloitte e AYA

¹ Editorial publicado pelo Valor Econômico em 25/04/2025. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2025/04/25/disputa-geopolitica-exige-plano-para-minerais-criticos.ghtml>

Acessado em 25.04.2025

Earth Partners. Os minerais críticos fazem parte da pauta de exportação basicamente em estado bruto.

A produção de insumos de alta pureza para tecnologias utilizadas na transição energética ainda está em estágios iniciais, reconhece o MME. Existe só uma empresa produzindo em pequena escala o carbonato de lítio para baterias, e o país só é líder global em tecnologias de nióbio.

Os minerais críticos, cuja demanda global será crescente nas próximas décadas, podem não só ampliar o valor agregado das exportações, como também impulsionar o crescimento da economia. No estudo das consultorias, há a estimativa de que, se investir na produção de novas minas e beneficiar os minérios, o Brasil poderá agregar até R\$ 233 bilhões ao Produto Interno Bruto (PIB) nos próximos 25 anos. Se for além disso e refinar os minerais, o impacto econômico será maior e atingirá até R\$ 243 bilhões nesse período, colocando o país no mapa global dessa indústria.

Há cerca de 50 projetos de minerais para a transição energética em andamento no Brasil, entre fases pré-operacionais e de lavra, com investimentos previstos superiores a US\$ 18 bilhões.

A disputa envolve grandes competidores e exige elevados volumes de recursos. A indústria de minerais críticos é um dos pivôs da atual disputa entre os EUA e China. Pequim escolheu a restrição à exportação de algumas terras raras como retaliação às tarifas estratosféricas impostas por Trump. Os chineses têm larga dianteira, pois minera 70% dos concentrados de terras raras do mundo, processa 87% do total e refina 91% (FT, ontem). A China é a maior produtora mundial de 30 dos 44 minerais críticos monitorados pelo Serviço Geológico dos EUA, e é alvo de volumosos investimentos desde que Xi Jinping se tornou líder do Partido Comunista Chinês em 2012. É também a maior compradora dos minerais brasileiros e destinou mais de US\$ 13,8 bilhões ao ano para investimentos em exploração mineral desde 2022, maior volume trienal em uma década.

Matérias-primas estratégicas para defesa e os setores de ponta da tecnologia de fato merecem uma estratégia detalhada. Não é desejável que o Brasil persista na posição de apenas fornecedor de matéria-prima, como ocorre no caso de outros produtos que caracterizam o país como eterno vendedor de commodities. Agregar valor será uma tarefa tão difícil quanto driblar a pressão política por fornecimento dos dois maiores contendores da disputa geopolítica.